

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPACIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

MARIA CAROLINE COUTINHO SIQUEIRA DE ASSIS

**A ESCRITA DE SI NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM:
o diário como ferramenta de ensino**

OURO PRETO

2025

MARIA CAROLINE COUTINHO SIQUEIRA DE ASSIS

A ESCRITA DE SI NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM:
o diário como ferramenta de ensino

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização em Práticas
Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro
Preto, como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Práticas Pedagógicas.

Orientação: Paulo Henrique Aguiar Mendes

OURO PRETO

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A848a Assis, Maria Caroline Coutinho Siqueira de.

A escrita de si no processo de aprendizagem [manuscrito]: O diário como ferramenta de ensino. / Maria Caroline Coutinho Siqueira de Assis. - 2025.

28 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Diários. 2. Escrita. 3. Aprendizagem. I. Mendes, Paulo Henrique Aguiar. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Caroline Coutinho Siqueira de Assis

"A ESCRITA DE SI NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: O DIÁRIO COMO FERRAMENTA DE ENSINO(RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA)"

Monografia apresentada ao curso de Práticas Pedagógicas da Universidade federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Pedagógicas.

Aprovada em 14 de Agosto de 2025.

Membros da banca

Prof .Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes-orientador

Profa. Dra. Janaína Aguiar Galvão

Prof. Me.Wander Luiz Ferreira

Prof. Dr. Solano de Souza Braga, Coordenador do Curso, aprovou a versão final e autorizou se depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Cursos da UFOP em 11/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Solano de Souza Braga, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/09/2025, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0976971** e o código CRC **A71AC1AC**.

Referência: Caso responda este Documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.011408/2025-61

SEI nº 0976971

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1355 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Júlia, Gabriel e Luíza, fonte de inspiração e amor compartilhado.

Ao meu parceiro Lindomar, pelo companherismo e incentivo.

À minha mãe pela dedicação, amor e apoio incondicional.

Ao meu pai, que, mesmo após sua partida, segue sendo minha referência.

Aos professores e professoras, tutores e tutoras do curso, pela partilha e disponibilidade.

Ao meu orientador Paulo Henrique, pelo apoio e confiança.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para que mais essa jornada seguisse seu curso vitorioso.

RESUMO

O presente texto descreve a experiência da escrita em diário de alunos do 5.º ano de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, realçando o protagonismo dos alunos no seu processo metacognitivo. A iniciativa defende a perspectiva de que escrever sobre os acontecimentos do cotidiano, inclusive o escolar, a partir do seu próprio ponto de vista, corrobora um aprendizado significativo e estimula a assimilação, organização e elaboração das experiências vividas.

Palavras-chave: diário, escrita, protagonismo, aprendizagem.

ABSTRACT

This text describes the experience of diary writing by 5th grade students at a municipal school in Belo Horizonte, highlighting the students' role in their metacognitive process. The initiative defends the perspective that writing about everyday events, including school events, from their own point of view, corroborates meaningful learning and stimulates the assimilation, organization, and elaboration of lived experiences.

Keywords: diary, writing, protagonism, learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A ESCRITA DE DIÁRIO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA	8
2.1 Consolidando a prática da escrita de diário em sala de aula	11
2.2 Condições para a elaboração de um diário	14
3 Considerações finais	22
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Contar a própria história ou a sua perspectiva de algum acontecimento pode ser uma poderosa ferramenta para que a pessoa descubra formas de articular seus pensamentos de maneira clara. Enfatizar que os estudantes sejam sujeitos de seu modo de ser e estar no mundo, em defesa do que Freire (2005) chama de recuperação de sua humanidade roubada, demanda diferentes estratégias e se faz necessário utilizar todas as possíveis para que se possa formar estudantes verdadeiramente críticos a partir da sua própria história e consequentemente protagonistas dessa história, percebendo o que merece ou não destaque em sua trajetória.

O intuito para o desenvolvimento do presente texto visa apresentar o uso do diário como ferramenta de ensino nos anos iniciais do ensino fundamental, revisitar o que de significativo foi percebido durante um intervalo de tempo por meio de suas próprias percepções. A escrita de diário, além de possibilitar a ampliação da prática de produção textual, favorece a utilização da língua para assimilação e elaboração das experiências, pois ao registrar os eventos do cotidiano é possível processar e atribuir sentidos à eles, integrando-os ao seu conhecimento e compreensão do mundo.

A partir dos estudos proporcionados pelo Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro Preto, pretende-se apontar o uso do diário como ferramenta pedagógica, partindo do pressuposto de que a escrita em diário pode ser um reforço do cotidiano, como o foi por muitas vezes para Carolina Maria de Jesus em seu diário, lançado com o título *Quarto de despejo* (2014) ou também uma ampliação da realidade, o que pode apontar para os docentes um retorno sobre prática pedagógica do professor a partir da visão do estudante. Para tanto, o texto apresenta alguns apontamentos dos estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte, registrados em um diário, como conclusão de uma sequência didática que envolvia os planos dos estudantes para o futuro. Teóricos como Evaristo (2020), que demonstra a potência da vivência por meio da escrita, Zabalza (2004) com os passos para o uso do diário como ferramenta pedagógica, Taille (2000) que aponta a necessidade de uma educação elucidativa e de se transpor limites, Freire (2005),(1996) que defende uma educação emancipatória do sujeito, Ambrósio (2023) que encoraja para o uso de práticas inovadoras e sensíveis, e a própria Carolina Maria de Jesus (2014), inspiração que transforma suas linhas em denúncia e

aspirações, dentre outros, são utilizados para fornecer embasamento à pesquisa, auxiliando na compreensão, análise e interpretação de fenômenos.

Estando sob o signo de Carolina Maria de Jesus, personalidade que nomeia a escola do município de Belo Horizonte, capital mineira, que foi palco da prática discorida, pesa a responsabilidade de compreender a força que as narrativas do seu cotidiano podem ter sobre a vida. A experiência visa promover “a literatura de testemunho enquanto escrita de experiências limite” (LOPES, 2010, p.172.), relatando aquilo que foge à normalidade, além da compreensão humana e que precisa ser trazido à tona.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando registros de práticas em sala de aula, diários produzidos pelos estudantes e observações docentes. Pretende modificar a perspectiva do uso do diário de bordo como recurso punitivo, apontando uma nova possibilidade de uso desse instrumento como forma de registro escrito das experiências pessoais e observações dos estudantes a respeito do que foi aprendido do contexto no ambiente de aprendizagem, em que podem ser incluídas interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos com uma abordagem pessoal, espontânea e informal, num primeiro momento, passando, como aponta Batista (2019), para interpretações mais articuladas e fundamentadas e sistematizações cognitivas. Lança-se ao pressuposto apontado por Freire (1996) de que todo conhecimento tem historicidade e que, ao ser produzido um novo conhecimento há uma superação, levando em conta que “o aprendizado não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que se aprender criticamente é possível.” (FREIRE, 1996, p. 26). Pretende-se verificar ainda se a utilização do recurso favorece a noção de pertencimento e proporciona a avaliação para as aprendizagens.

Os objetivos pretendidos com a pesquisa são realizar o registro escrito das reflexões, aspirações, motivações, pesquisa, construções e desconstruções possibilitadas pelas diferentes práticas pedagógicas no cotidiano da sala de aula, fazendo uso de um recurso didático até então vinculado à atitudes negativas dos estudantes, modificando assim a estratégia para fortalecer a autonomia dos estudantes da escola selecionada. A longo prazo, a pesquisa pretende iniciar o debate sobre a utilização do diário como instrumento de avaliação, na perspectiva freiriana (1996) de instrumento de apreciação e potencialização de sujeitos críticos a serviço da libertação e da não domesticação. Dentre os diferentes recursos que promovem a análise, reflexão e registro utilizado em sala de aula, a escolha do diário de bordo

se deu ainda pelas duas variáveis básicas, destacadas por Zabalza (2004), que apontam primeiro que, o recurso pode ser tanto mais rico quanto polivalente a medida em que variar a riqueza informativa apresentada e, em seguida, a possibilidade de uma leitura diacrônica dos acontecimentos, permitindo avaliar a evolução dos fatos.

2 A ESCRITA DE DIÁRIO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Evaristo (2020) acredita que escrever é colocar no papel uma experiência que não cabe mais em si, o que para Bakhtin (2014) corresponde a compreensão de que a consciência só surge e se afirma como realidade a partir da encarnação material do signo.

A palavra, segundo Magnabosco *apud* Lopes (2010), pode significar denúncia, no aspecto social e, no aspecto subjetivo, pode significar recuperação e legitimidade. No âmbito escolar, Evaristo (2020) acredita que as percepções dos estudantes conferem a si mesmos a possibilidade de se tornarem autores das suas próprias narrativas.

Foi com esse intuito que, ao final da sequência didática executada com os estudantes do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, a Escola Municipal Carolina Maria de Jesus, estes estudantes escreveram páginas de diários para registrarem suas apreciações acerca dos assuntos tratados nas aulas de Geografia e História do primeiro trimestre letivo de 2025.

A prática inovadora de ensino corresponde a uma prática pedagógica que visa colocar o estudante como protagonista do processo de ensino e aprendizagem. Inovação corresponde a buscar novos sentidos para práticas existentes. Nesse sentido, a escrita em diário pode corroborar o propósito de tornar a aprendizagem do estudante significativa buscando compreender o sentido dado aos processos vivenciados dentro do espaço escolar e a forma como se estabelece conexões entre o aprendizado e o cotidiano. A escrita no diário foi uma das práticas realizadas dentro da sequência didática denominada “Do papel ao possível: meu projeto de vida” com o objetivo de estimular os estudantes a refletirem sobre seus sonhos pessoais e profissionais, identificando os meios necessários para serem realizados e registrando esse processo. O sentido atribuído à sequência didática segue a definição de Dolz, Noverraz e Schneuwly, apontado por Sartori (2019) em que um conjunto de atividades são organizadas de maneira estruturada em torno de um gênero. Na prática em sala de aula, após a escuta e leitura da letra da música “Ismália”, uma adaptação do poema de Alphonsus de

Guimaraens, interpretada pelo músico Emicida, apresentando as personagens que aparecem na canção, houve uma roda de discussão sobre o significado da letra, com a escuta do posicionamento dos estudantes a respeito, relacionando a canção a eventos contemporâneos e a realidade brasileira. A linguagem utilizada pelo cantor também foi motivo de discussão por apresentar-se de forma diferente do padrão linguístico. Valeu-se desse acontecimento para instigar os estudantes a perceber a língua como forma de posicionamento e representação de uma determinada classe, assim como Carolina Maria de Jesus que, em seu diário, traduz com realismo sua forma de expressar e enxergar o mundo. Nas aulas seguintes, cada estudante registrou, por meio de desenhos e frases, seus planos para o futuro, orientados a pensar em qualquer período, seja a curto, médio ou longo prazo. Essa atividade foi registrada seguidas vezes na escrita, como se percebe em: “Quando eu crescer, eu vou ter a minha casa e minha moto, minha filha, fazer compras e vou seguindo minha vida.”(sic). “Eu achei legal. Gosto muito da escola e das minhas professoras”.(sic). Também em: “O trabalho foi legal e divertido”(sic). Em seguida, todos puderam observar os planos dos colegas que foram espalhados pela sala para serem visualizados. Esses momentos reverberaram nas páginas dos diários nas menções em que escreveram frases como que todos os sonhos “cabem” no mundo, sem que seja necessário, “esbarrar” ou desfazer do sonho de ninguém. Um dos estudantes escreveu até então “nunca tinha pensado sobre isso”. (sic).

O diário é um elemento que vem sendo usado com frequência pela possibilidade de organizar em palavras os pensamentos e reflexões do indivíduo. Proporciona a escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo (2020) que diz da lógica de se apoderar da técnica da escrita pelas mulheres negras escravizadas e silenciadas para subverter a lógica da opressão, para denunciar os abusos e para reverenciar sua ancestralidade. Ao escrever sobre os planos, os estudantes, além de organizar seus pensamentos, podem ter a possibilidade de avaliar as ações necessárias para alcançar seus objetivos, como é possível perceber na atitude de uma estudante que pretende se tornar ‘perita criminal’ e estava pesquisando sobre qual ou quais são os cursos necessários para se tornar a profissional almejada. Outro estudante que pretende ser jogador afirma “Eu gosto muito de futebol, eu fazia escolinha, mas tive que sair. Minha mãe vai me colocar de novo quando voltar a trabalhar. Vou tentar ser jogador pra ganhar a bola de ouro”. (sic).

A escrita do diário é uma prática recorrente em algumas escolas da rede pública municipal para anotar os comportamentos considerados inadequados e o descumprimento dos

combinados e regras da escola. Para a escola, é considerada uma ferramenta pedagógica, pois auxilia nas intervenções junto aos estudantes e aos responsáveis, quando necessárias. Porém, proporcionar a reflexão sobre a importância e a necessidade do aprendizado por meio do registro sob o ponto de vista do próprio estudante pode auxiliá-lo na promoção de reflexão, auto avaliação, metacognição, desenvolvimento biopsicossocial, percepções individuais e coletivas para que se perceba como sujeito inacabado, e consciente disso, buscar meios para promover o seu desenvolvimento de forma autônoma. Zabalza (2004) considera o diário uma ferramenta relevante para que os próprios professores reflitam sobre sua prática. Carolina Maria de Jesus (2014) fez da escrita do seu diário um projeto de melhoria de vida. Lopes (2010) aponta que, por meio da escrita do diário, Carolina se torna sujeito de si mesma, pois registra seus dramas, angústias, medos, frustrações, sensações que a tornam sujeito social, inclusive tornando a escrita o fator de mudança, já que não vê essa possibilidade no seu dia a dia, que começa constantemente da mesma forma. Também foi possível visualizar muita ansiedade e angústia nas escritas dos estudantes, em frases como “não consigo entender muita coisa por causa das conversas, assim vou ter que me virar para aprender” (*sic*) e também em “não tenho planos para o futuro”. (*sic*)

Apontar o diário como ferramenta pedagógica, além de fortalecer a prática de produção textual a partir de algo que faça sentido para os estudantes, visa criar conexões que possam reverberar em algum momento do seu processo de aprendizagem. Uma das estudantes avalia que “escrever me ajudou a ter mais ideias e a ler mais para buscar inspiração”. (*sic*). As correções gramaticais foram realizadas com apontamentos no próprio texto dos estudantes, de modo que eles pudessem observar e reescrever as partes apontadas..

Apresentada a situação para o desenvolvimento da sequência didática, como corrobora Sartori (2019), foi iniciado o levantamento de hipóteses e os conhecimentos prévios acerca da escrita em diário. Foram apresentadas e lidas algumas páginas dos diários mais famosos, como o de Carolina Maria de Jesus e o de Anne Frank. Para a escrita nas páginas do diário pelos estudantes do 5º ano foi solicitado que pensassem a respeito do gênero textual diário, considerando para quem é escrito, com qual finalidade e em qual suporte. Para tanto, eles receberam, inicialmente, um modelo de página de diário xerocado no qual deveriam fazer uma escrita inicial, cada estudante foi convidado a registrar suas vivências em sala de aula, destacando aquilo que aprendeu, como se sentiu durante as atividades, os desafios enfrentados e o que gostaria de melhorar. A aceitação da proposta não aconteceu de forma instantânea,

muitos estudantes não se dispuseram a escrever num primeiro momento. Um deles, registrou em uma palavra o que sentia naquele momento com a proposta: “Tédio”, em letras maiúsculas com estilo de grafite. A prática de não censurá-los pelo que escreviam fomentou a confiança dos estudantes e favoreceu o engajamento destes, como é avaliado na escrita de que “fiquei esperando o dia para poder contar o que tinha acontecido” (*sic*), referindo-se à ansiedade para registrar no diário algo que queria partilhar. É possível que o diário de bordo, ferramenta que aponta as atitudes que fogem às regras da escola, tenha, em alguns momentos, silenciado suas subjetividades. Ao propor a escuta ativa e valorização da expressão pessoal sem julgamento ou correção do conteúdo, criou-se um espaço em que o estudante pode sentir segurança para escrever sobre si, suas vivências e expressões do mundo, tornando a prática, além de uma ferramenta pedagógica, um espaço de autenticidade, pertencimento e resistência. “Quando tenho que escrever, sinto que uma parte de mim se acalma para poder lembrar das coisas e agora consigo me lembrar de mais coisas e contar mais coisas também”. (*sic*).

2.1 Consolidando a prática da escrita de diário em sala de aula

O processo educativo, inacabado e em construção, busca estratégias e recursos diferenciados que fomentem a inclusão da visão de mundo dos estudantes e a percepção da contribuição da educação em sua formação. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), doravante BNCC, o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes precisa ser mobilizado por meio de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, ou seja, desenvolvendo competências, componente considerado essencial na resolução das demandas da vida cotidiana, do exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Competência é aquilo que permite aos estudantes desenvolverem plenamente cada uma das habilidades e aprendizagens essenciais estipuladas pela BNCC. Uma das estratégias que pode ser utilizada para alcançar tal anseio é o registro dos aspectos significativos do processo de construção do conhecimento dos estudantes da comunidade escolar, prática relevante para a ressignificação do papel dos estudantes no seu processo metacognitivo. Nesse sentido, salienta-se o que se espera em relação ao termo significativo. Ele reflete à condição, defendida por La Taille (2000), de uma atividade que não se restringe à uma mera motivação passageira em aulas agradáveis, com a compreensão correta de parte do conhecimento de modo infantilizado desfigurando os conteúdos, o que pode ocasionalmente reforçar o egocentrismo e restringir o

horizonte dos estudantes. Para o autor (TAILLE, 2000), a aprendizagem significativa remete à excelência, na qual o estudante busca ser melhor do que se é, competindo consigo mesmo, transpondo limites. Para uma das estudantes “todos os momentos são sacrifícios”(*sic*), para outro, a escrita “ajuda a prestar atenção, estudar e desenhar”. (*sic*).

Se a prática docente crítica implica, como admite Freire (1996), o exercício dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar a respeito do fazer e, considerando ainda que a atividade mental tem uma significação e não é uma realidade isolada, devendo manifestar-se no terreno semiótico, como aponta Bakhtin (2014), sendo além disso o diário de bordo, como alega Zabalza (2004), um eficiente instrumento para o desenvolvimento pela possibilidade de revisão e enriquecimento da atuação do usuário, instrumentalizar os estudantes com essa relevante ferramenta potencializa o seu processo de ensino ao proporcionar a reflexão sobre o seu papel como “sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de recebedor da que lhe seja transferida pelo professor.” (FREIRE, 1996, p. 124). A escrita, de acordo com Evaristo (2020), seria a escrevivência das histórias que fazem parte da vida cotidiana, favorecendo o entendimento de que os saberes constituídos cientificamente podem dialogar com as histórias pessoais. Ao apontar a necessidade de planejar a situação de cada indivíduo afloram-se registros diversos sobre a realidade atual de alguns deles, que os incomodam e que não querem ver se repetir. “Hoje os meus pais estão separados e eu caí de bicicleta e fiquei com um hematoma enorme. Ainda não sei o que vou fazer.” (*sic*). Outra registra a realidade de uma amiga da sala: “Eu tenho uma amiga, ela tem uma vida muito triste, quando ela era pequena, a mãe dela desapareceu.”(*sic*). Outros revelam sentimentos sobre seu comportamento em sala, refletindo sobre o que considera inadequado: “alguns momentos eu vacilo, no meio da aula eu faço bulling”(*sic*).

Nos últimos anos, de acordo com Zabalza (2004), as instituições educacionais atribuiram relevante importância a reflexão, a avaliação ou aprendizagem como competências substantivas e essenciais ao desenvolvimento do sujeito, tanto profissional como em questão pessoal, o que confere à busca de instrumentos de coleta e análise de informação referente à prática que possibilite a revisão e o reajuste, caso seja necessário. O diário de bordo, recurso salientado como propício à reflexão do professor sobre sua prática, pode favorecer também a reflexão e investigação do estudante a respeito do seu próprio processo de aprendizagem, pois esse recurso é considerado como um fator promotor de reflexão das atividades mais significativas da dinâmica no qual está imerso a partir de seu próprio ponto de vista. Nota-se

na escrita “eu faltei no dia em que a professora falou, ela me mandou fazer em casa. Eu lembrei da aula que mostrou várias coisas que foram criadas em várias tribos diferentes e que cada um contribuiu de algum jeito e eu vou contribuir também um dia” (*sic*). O recurso iniciaria, conforme Zabalza (2004), possibilidades técnicas de contraste entre percepções e análises das situações educativas. Seu uso perpassa todas as 10 competências gerais da educação básica delimitadas pela BNCC (BRASIL, 2018) pois promove a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo, pode favorecer a explicação da realidade, a investigação, reflexão e análise na elaboração e formulação de hipóteses, considerando a abordagem científica. Auxilia ainda a valorização e fruição do repertório cultural, da diversidade e da variedade de saberes, a utilização de diferentes linguagens para a comunicação, além de dados e informações confiáveis, indispensáveis para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns, apontados em escritas como “acho que o que é chamado de civilizado devia ser pensado”(*sic*), escreveu um estudante após tomar conhecimento das tecnologias indígenas na antiguidade. Ao se fazer uso do diário é possível promover, além do mais, a compreensão da diversidade humana e o reconhecimento de suas emoções e as dos outros, ampliando a capacidade para lidar com ela, possibilitando o exercício da empatia, da cooperação, da responsabilidade e da cidadania. A escrita da estudante ilustra o fato: “nunca achei que ia ouvir uma coisa tão legal dele”(*sic*), escreveu após uma discussão em que um colega considerado por ela ‘bagunceiro’ revelar a sua opinião sobre o assunto, demonstrando uma postura inclusiva. O recurso privilegia o princípio defendido por Freire (1996) que assegura que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos tendo em vista que estes chegam à escola com saberes construídos socialmente na vivência em comunidade. Uma estudante registra “todos os dias eu penso no meu futuro! Será que vou realizar meu sonho? Espero que sim!”(*sic*).

Muitas das escritas dos estudantes trazem relatos de experiências extra escolares do seu dia a dia, as brincadeiras que gostam, as ações em família, momentos de angústia, como o da estudante que se dizia “ansiosa para chegar o fim de semana para ver o pai”(*sic*). E essa oportunidade tem sido importante no processo de criação de vínculos e no entendimento em geral que se tem do que significa a escrita em diário. Assim, num primeiro momento, o registro não abarcou o objetivo inicial. Poucas são as escritas sobre os conteúdos em si, porém, certamente proporcionou uma mudança nas relações entre o estudante consigo mesmo,

com seus pares, com os professores e com o seu compromisso em perceber e selecionar o que de interessante observaria para um futuro registro.

2.2 Condições para a elaboração de um diário

Os saberes a serem registrados em diário devem levar em conta, conforme Zabalza (2004), que existem condições de elaboração dos diários que se iniciam na sensibilização dos envolvidos para a escrita, no estabelecimento do compromisso, na criação da rotina de escrita, fazendo com que o recurso não corresponda apenas a um padrão determinado dentro de um desenvolvimento formal e considere a reflexão pessoal do estudante sobre sua própria perspectiva de ensino. E após realizarem seus registros, empreender uma discussão a respeito da razão de ser de alguns desses saberes em relação com o conteúdo estudado possibilita o posicionamento do estudante em relação ao conhecimento adquirido ou em construção. Essa situação remete ao que Alves (2021) denomina alargamento dos sentidos do mundo.

Em um universo rápido, fluido, que não deixa margem para a reflexão e muito menos para a leitura profunda, produzir narrativas aos borbotões, contar histórias ao seu bel prazer, sem escolher as palavras que dizem – de si, do outro e do contexto – é uma maneira eficiente de se transformar as memórias em imagens descartáveis, apagando aquilo que nos é mais caro: a consciência e a perspectiva de que somos donos da nossa história. (ALVES, 2021, online)

Protagonistas enquanto na escrita do diário, após todo o processo que efetive tal protagonismo, é preciso assegurar ainda a ratificação do estudante pelo professor. A estratégia consiste em atentar para a legitimação da fala do estudante, “que tem fácil acesso ao piso conversacional, que é ouvido com atenção e cujas contribuições são bem recebidas, aprovadas e aproveitadas no curso da interação.”. (BORTONI-RICARDO, DETTONI, 2001, p. 84). As autoras (2001) explicam que a ratificação é uma das manifestações do conflito intercultural e sociolinguístico que conduzem as crianças que participam de culturas não prestigiadas pela sociedade, a outra manifestação seria a incongruência entre a cultura escolar e a da comunidade na qual ela exerce sua atividade profissional.

Esse processo vem sendo executado ao final das aulas, em uma roda de conversa em que os estudantes são convidados a ler uma frase ou um fragmento do seu texto, desde que se sintam à vontade para isso. Assim como houve resistência, num primeiro momento para a

escrita, essa também ocorreu na roda de conversa, porém, aos poucos, muitas foram as participações.

Como sujeitos históricos compreender que, assim como a língua, a escrita deve considerar alguns fatores das condições de produção do texto é reverberar que ao escrever sobre si mesmo, o que possui natureza afetiva ou emotiva passa a ter também natureza cognitiva, o que remeteria ao que Zabalza (2004) demarca como reconstrução da experiência e distanciamento necessário à análise. A estudante que diz pensar no futuro diariamente, continua: “quero estudar para ser médica. Quero fazer as pessoas se sentirem bem com elas mesmas! Quero honrar meus pais...”(sic). Enquanto instrumento de pesquisa, a utilização do diário como estratégia pedagógica repercute os seguintes passos apresentados por Zabalza (2004): recolhimento de informações significativas e suas circunstâncias particulares; acúmulo de informações históricas micro e macro; descrição de fatos ou momentos parciais, identificando problemas; análise de dados e reflexão sobre fatos, momentos, problemas, ou assuntos; imaginar de forma implícita ou explícita soluções, hipóteses explicativas, causa dos problemas, etc; tratamento do próprio registro em diário como objeto de pesquisa em que se aplicaria a técnica de análise de conteúdo, identificação e tratamento de diversificados indicadores, identificação de repetição, coerências e divergências entre diários. O tipo de informação que contém o diário, esclarecidos alguns parâmetros sobre a função do diário de bordo junto aos estudantes, está sendo feito de forma livre, possibilitando aos estudantes selecionar os eventos que considerarem relevantes na aula. No intuito de promover a escrita assegura-se que:

A redação dos diários leva consigo todo um conjunto de fases sucessivas que facilitam o estabelecimento de um processo de aprendizagem baseado em uma dupla categoria de fenômenos: (a) o processo de se tornar consciente da própria atuação ao ter de identificar seus componentes para narrá-los e (b) o processo de recodificar essa atuação (transformar a ação em texto), possibilita a racionalização das práticas e sua transformação em fenômenos modificáveis (e, portanto, possíveis de melhorar). (ZABALZA, 2004, p. 27)

Ao abranger a questão do protagonismo dos estudantes é necessário reconhecer a qualidade da intervenção do professor para a ampliação dessa competência. Nesse sentido, reduzir a dificuldade de comunicação entre professores e estudantes carece empreender um esforço especial, com o intuito de desenvolver a confiança e prevenir as origens dos conflitos que podem ultrapassar rapidamente a dificuldade de comunicação. Esse tipo de esforço é

denominado ‘pedagogia culturalmente sensível’ e, de acordo com Bortoni-Ricardo e Dettoni (2001), mesmo que haja um conflito latente em algumas interações verbais, por entender que o uso da língua padrão está designado a um grupo específico e as variedades populares estão vinculadas a um grupo étnico ou social de menor prestígio, é possível desenvolver formas positivas para lidar com a variação linguística, dando, por exemplo, a devida atenção a participação dos estudantes em sala.

O local em que está sendo realizada a prática de uso do diário de bordo pelos estudantes atende aos anos iniciais e finais do ensino fundamental, do 1º ano do 1º ciclo até o 3º ano do 3º ciclo, que corresponde ao 9º ano do ensino fundamental, além da Educação de Jovens e Adultos, e compreende uma comunidade carente com alto índice de evasão escolar ou infrequênciia. Isso acarreta uma descontinuidade no processo de ensino e pode enfraquecer as relações do estudante com seu próprio processo, com os seus pares e com o grupo de professores. Estigmatizados, os estudantes podem por vezes serem conduzidos por caminhos autoritários no qual Freire (1996) critica a ameaça de anestesiar a mente, confundir a curiosidade, desvirtuar a percepção dos fatos, coisas e acontecimentos distanciando-os de sua natureza humana de inquietar-se, indagar e buscar. É necessário esclarecer que dentro do processo educativo não existe docência sem discência, elucidando que, desde o começo, cada vez mais deve-se pontuar que, apesar das diferenças, “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE, 1996, p. 23). Os sujeitos envolvidos no processo não podem ser reduzidos à condição de objetos um do outro. Pelo contrário, devem ser levados a perceber sua condição de sujeito inacabado e ser incentivado a transpor limites, termo que não deve ser pensado apenas como ponto extremo, fim ou limitação. La Taille (2000) salienta que o limite pode ser um convite para avançar ou para permanecer e que cabe ao professor realizar intervenções que provoquem a transposição de certos limites. Aos envolvidos na formação é necessária clareza desse aspecto em relação ao limite, remetendo ao que deve ou não ser transposto. Para tanto, a escrita, apesar da orientação para que registrem o que consideram importante sobre as aulas, não houve intervenção no conteúdo registrado nas páginas dos estudantes.

A escola enquanto instituição educativa se vê diante da necessidade de estabelecer medidas para evitar determinados comportamentos indisciplinares e uma das medidas deliberada na instituição pesquisada foi a utilização do diário de bordo como ferramenta para inibir tais atitudes. Porém a efetividade de sua atuação pode ser considerada mínima devido

ao tipo de intervenção no desenvolvimento moral utilizado. La Taille (2000) apresenta três tipos de educação moral e, em relação ao local pesquisado, a abordagem elucidaria uma educação autoritária em que a legitimidade se dá por via hierárquica. O registro realizado no diário de bordo pelos professores podem ser consideradas sanções expiatórias, estratégias que visam "reafirmar o poder das autoridades e causar algum tipo de "dor"." (TAILLE, 2000, p.95). Em se tratando do desenvolvimento da autonomia, tal abordagem deflagra indivíduos submissos, o que não corresponde às aspirações do projeto educacional atual, apesar de se ter ciência da necessidade do estabelecimento de regras e limites.

Considerando o pressuposto freiriano (1996) de que o ensino exige reflexão crítica sobre a prática, assim como o professor, o estudante necessita perceber que o pensar certo deve superar o pensar ingênuo, aquele saber da experiência feita, que falta a rigorosidade metódica característica da curiosidade do sujeito. E esse pensar certo deve ser produzido pelo próprio aprendiz na relação com o professor, evitando os simplismos, as facilidades e as incoerências grosseiras. Percebe-se que a escrita em diário favorece essa superação apontada pelos autores na medida em que a escrita vai evoluindo tanto em relação à quantidade de fatos relatados quanto à qualidade nos detalhes registrados. Muitas das escritas que, a princípio, registravam fatos do cotidiano extra escolar, já ponderam questões ocorridas em sala de aula, como é possível observar na escrita: "Hoje achei importante falar sobre o que vou fazer do meu futuro. Já tinha pensado nisso, mas nunca tinha pensado no que fazer pra chegar onde quero.". (sic)

Em relação a modalidades de diários existentes que variam, de acordo com Zabalza (2004), a partir do conteúdo, periodicidade e função a cumprir, o mais adequado para implantação no ambiente escolar seriam os denominados analíticos, em que o observador foca tanto em aspectos específicos quanto em diferentes perspectivas do objeto observado, e reflexivos, em que a narração contribui para explicitar noções sobre o tema abordado. Além disso, na medida em que os estudantes se envolverem na execução da estratégia, é possível que a utilização perpassasse ainda o sentido terapêutico, em que a escrita possibilite a descarga de tensões e o tipo criativo e poético, em que não há apenas reflexão sobre a realidade, há também a oportunidade de imaginar ou recriar as situações que se registram. A escolha do recurso leva em conta que:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens

transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 2005, p. 90)

O diário de bordo pode ser um instrumento valioso, não apenas para o registro do professor como compreende Zabalza (2004), mas também para os estudantes produzirem seus registros e reflexões, visto a necessidade do desenvolvimento de sua capacidade de se perceberem autores do seu aprendizado, reconhecendo o que seria, de acordo com Freire (1996), a legítima tentativa do estudante de tomar em mãos a responsabilidade de sujeito que conhece. A proposta compreende orientar aos estudantes que registrem atitudes que considerem favoráveis ao seu processo de aprendizagem, abrangendo as diferentes situações que proporcionam esse percurso. É possível destacar cinco etapas para o processo de aprendizagem por meio da utilização do diário de bordo como recurso educativo. O primeiro aspecto, conforme aponta Zabalza (2004), é a capacidade de tornar os sujeitos cada vez mais conscientes dos seus atos, pois o registro favorece o melhor conhecimento do realizado. Em seguida, inaugura uma aproximação analítica às práticas recolhidas no diário. O terceiro aspecto consiste no aprofundamento em relação à compreensão do significado das ações, avaliando o sentido do escrito e como o conhecimento relatado afeta o sujeito. Um quarto dado aponta a possibilidade de tomada de decisões e iniciativas de melhoria, incorporando as mudanças que pareçam aconselháveis. Num quinto ponto, inicia-se um novo ciclo de atuação, em que ocorre a consolidação das mudanças introduzidas. Com isso, o ciclo é reiniciado, repetindo-se as fases apontadas acima, ocasionando maior consciência a respeito do que se está realizando, uma melhor compreensão do objetivo das ações desencadeadas, planejamento de novas mudanças e consolidação do estilo próprio do sujeito.

O diário de bordo é apontado como um instrumento de narração de fatos e pensamentos do professor para análise e avaliação de sua prática. Porém suas vantagens podem ser alcançadas na construção de um espaço acolhedor em que o educador seja apoiador que perceba os estudantes como protagonistas do seu processo de aprendizagem, pois sujeitos reflexivos compreendem a necessidade de “busca permanente que o processo de conhecer implica.”. (FREIRE, 1996, p. 119). Ao proporcionar o registro das experiências escolares pretende-se ressignificar o vivido, não apenas com registros de memórias, mas, como ressalta Rodrigues (2018), com reflexões e indagações sobre essas experiências que ocasionalmente deverão ser melhor destrinchadas. Partindo do relato “hoje aprendemos coisas sobre a

mitologia e sobre a vida povo egípcio no passado”(sic), foi possível retomar oralmente o conteúdo que iria ser discutido na aula a seguir.

Por se tratar de um recurso que se utiliza da prática de linguagem escrita e o local em que é utilizado o faz no coletivo, sensibilizar os envolvidos é fundamental na medida em que:

Para que o objeto pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótica-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social. (BAKHTIN, 2014, p. 46)

Para tanto, além de sensibilizar o coletivo docente e discente a respeito da perspectiva de uso do diário de bordo, é necessário criar uma rotina de combinados para se usufruir do recurso com competência, entendendo que a escrita é individual, mas se trata da representação de um vivido e só se constrói na relação, pois, como destaca Alves (2021) é o próprio sujeito que detém o poder de fazer a escolha das muitas narrativas que deve o representar. Considerando que a questão da necessidade de que há limites que regem a conduta de todo ser no seu convívio social, ao se modificar a abordagem de uso do diário de bordo serão necessárias práticas de fomento à moral autônoma em que, segundo La Taille (2000), as regras deverão ser construídas e legitimadas partindo de acordos realizados pelos atores da comunidade escolar. Vez ou outra é necessário revisitar as regras e combinados construídos coletivamente para assegurar o seu cumprimento ou mesmo, para reforçar as escolhas assumidas diante de alguma conduta em desacordo com o combinado.

Na era digital em que se vive uma guerra de narrativas é necessário, segundo Alves (2021) aprender a lê-las e produzi-las para reconhecer as duas camadas que a envolvem: a mais superficial e a mais profunda, que se encontra oculta, pois quanto mais a experiência no desenvolvimento de narrativas for aprimorada, maior será a distinção em relação à sua condição de produção:

Somente desenvolvendo o nosso espírito crítico saberemos se servirão para nos ajudar a compreender a nós mesmos e ao contexto em que vivemos, tornando-nos seres mais diversos, plurais, compassivos e criativos, ou se alimentarão as nossas pequenezas e os julgamentos e cancelamentos que fazemos baseados em emoções sem elaboração. (ALVES, 2021, online)

Tornando a escrita em diário um recurso para a promoção de um aprendizado significativo defende-se a concepção freiriana (2005) de práxis sobre a qual deve haver ação e reflexão dos sujeitos sobre o mundo a fim de transformá-lo. Na educação problematizadora, proposta por Freire (2005) os estudantes desenvolvem seu poder de captação e de compreensão do mundo em evidência com o qual se relaciona por meio de uma realidade em transformação em que não há situações intransponíveis e sim, desafiadoras que podem limitá-los momentaneamente. Como produto esperado se indica a elaboração conjunta por meio de assembleias, tanto entre os pares docentes quanto entre discentes e docentes, em número a ser definido no coletivo, de um código de conduta básica para atuação da comunidade escolar, referendando os aspectos indispensáveis para uma convivência harmoniosa, o respeito a si e aos demais, e para que a condução da aula se dê de modo a promover o desenvolvimento integral dos envolvidos, aprimorando a educação elucidativa. Em casos extremos de discordância dos termos acordados é possível também elaborar a conduta para mediar a situação.

Em relação à questão que envolve a ratificação dos estudantes, é possível a realização de dinâmicas em grupo com situações que apresentem as três diferentes formas de ratificação, apontadas por Bortoni-Ricardo e Dettoni (2001), sendo elas as formas de ratificação parcial, uma que não considera a intervenção do aluno totalmente apropriada, o que é possível se levando em conta o papel pedagógico de correção do que não for adequado para o ensino do mais apropriado. A outra ratificação parcial compreende que a expectativa do professor é que não foi alcançada, apesar da intervenção apropriada do aluno. A terceira forma de ratificação é a plena ratificação da fala do estudante, que pode vir acompanhada de reforço positivo de modo verbal ou gestual e necessita contato visual. Considera-se que, apesar de a experiência se apresentar num momento introdutório, a forma de ratificação configura-se plena, visto que muitas de suas considerações iniciam as discussões e as próprias explicações sobre os conteúdos abordados em sala. Em alguns momentos o momento de ratificação extrapola os registros em diário, sendo necessário retomar os combinados para que se perceba que a discussão se refere às experiências registradas.

Os resultados apontam que, quando há liberdade de expressão, sem censura, os estudantes desenvolvem maior autonomia, ampliam sua capacidade reflexiva e fortalecem seus vínculos com a escola e consigo mesmos. Considera-se que a prática se encontra no primeiro momento apontado por Batista (2019) em que prevalecem as experiências pessoais e

observações do ambiente de aprendizagem por meio de uma abordagem pessoal. Pretende-se entretanto dar seguimento ao projeto para alcançar sistematizações mais articuladas e elaboradas. Para tanto, acontecerá uma orientação para a escrita, ora articulando personagens históricos ao registro, ora registrando a possibilidade de o aluno estar presente no momento histórico referido, e até mesmo, conversando com algum personagem histórico que viajou no tempo e veio conhecer a escola nos dias atuais. Muitas podem ser as abordagens para inserir os conteúdos históricos na escrita do diário, fortalecendo ainda mais a prática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de si dentro do ambiente escolar tem proporcionado mudanças nas relações dos estudantes consigo mesmo, entre seus pares e na relação com os professores. Apesar de mostrarem-se resistentes com a escrita e com o momento de apresentação sobre suas escritas, estes já observam e expressam sobre o que pretendem registrar nas próximas folhas e compartilham com satisfação alguns dos escritos registrados.

Essa atitude reverbera o objetivo do texto que visa promover a construção do conhecimento por meio da reflexão sobre os acontecimentos do seu cotidiano, considerando sua própria ótica e não apenas o que lhe é apontado como o que deve ser registrado. Para tanto, essa construção precisou entender que, nem sempre os registros seriam à respeito do tratado em sala de aula e sim, do incômodo ou do satisfatório das experiências do cotidiano e dos projetos para o futuro. Entender e acolher essa escrita foi importante para o asseguramento da importância da escrita de si e como esta pode reverberar nas relações em sala de aula e consequentemente no aprendizado dos estudantes.

O uso do instrumento possibilitou ainda perceber a seletividade de informações que cada estudante estabeleceu no registro de suas informações, corroborando o fortalecimento do protagonismo dos mesmos. O registro sobre os planos para o futuro fomentou a ampliação da própria realidade, fortalecendo a premissa de que a escrita é uma forma de reforçar o cotidiano ao mesmo tempo que possibilita vislumbrar e ampliar visões de mundo.

Ao assumir a responsabilidade sobre o que deve ou não ser anotado em um diário, busca-se fornecer aos alunos as diretrizes essenciais para que a vivência em sala de aula ocorra de maneira harmoniosa, seguindo normas previamente estabelecidas. Isso os ajuda a compreender que uma postura que contribui para o andamento da aula é benéfica para a construção do conhecimento.

A continuidade do processo envolve ampliar a abordagem pessoal na escrita para uma interpretação mais articulada e fundamentada do processo educativo com o intuito de obter sistematizações mais bem planejadas e desenvolvidas. Para isso, haverá uma orientação voltada para a escrita, que ora ligará figuras históricas ao relato, ora permitirá ao aluno imaginar sua presença no período histórico mencionado, e até mesmo dialogando com algum personagem do passado que viajou no tempo e veio visitar a escola nos dias atuais. Existem

diversas formas de integrar conteúdos históricos na escrita do diário, contribuindo ainda mais para o aprimoramento da prática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Januária Cristina. Porque as narrativas importam no contexto em que vivemos. **Nexo Jornal**. 19/08/2021. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2021/por-que-as-narrativas-importam-no-contexto-em-que-vivemos>. Acesso em 20/08/2021.

AMBRÓSIO, Márcia. **Escre(vidas) docentes**: as rochas do conhecimento/ Organizadoras Márcia Ambrósio, Viviane Raposo Pimenta. Coordenadora: Márcia Ambrósio. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Livro em PDF. ISBN 978-65-5939-729-7

AMBRÓSIO, Márcia. **Tendências da Pesquisa em Educação**/ Organizadora Márcia Ambrósio. Coordenação: Márcia Ambrósio. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Livro em PDF. ISBN 978-65-5939-739-6

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia de linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara Frateschi. Tradução. 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 203 p.

BATISTA, Tailine Penedo. O diário de bordo: uma forma de refletir sobre a prática pedagógica. **Revista Insignare Scientia**. Vol. 2, n. 3 - Edição especial: Ciclos Formativos em ensino de ciências. p. 287-293. Disponível em <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11209/7278>>. Acesso em 16/01/2024

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; DETTONI, Rachel do Valle. Diversidades linguísticas e desigualdades sociais: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. (Orgs.). **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 81-105.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 09 de julho de 2024.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. Depoimento. Julho de 2020. Disponível em <https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf>. Acesso em 09/01/2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada ; 10. ed. - São Paulo : Ática, 2014. 200p.

LOPES, Elisângela Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu quarto de despejo. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio.(Orgs.). **Falas do outro:** literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala. 2010

RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Diário de bordo:** algumas reflexões no oceano da educação. Disponível em <<https://vivendoeaprendendo.org.br/2018/10/04/diario-de-bordo-algunas-reflexoes-no-oceano-da-educacao/>>. Acesso em 02/08/2021.

SARTORI, Adriane Teresinha. **O processo de produção de textos escritos na escola:** teorias e práticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 142p.

TAILLE, Yves de La. **Limites:** três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2000. 151 p.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed. 2004. 160 p.